



A emergência do debate da transmasculinidade negra

Saman Ferreira

Resumo

Este artigo objetiva refletir a transmasculinidade negra, pensando esse corpo político que quebra os padrões de masculinidade hegemônica no Brasil. Utiliza-se das ferramentas de análise da interseccionalidade para traçar um paralelo entre gênero e raça que acomete este mesmo indivíduo, e para além, refletir nas concepções não biológicas e focar nos constructos sociais de identidades. Tendo em vista que as masculinidades é um estudo relativamente recente dentro da área de gênero, este artigo não pretende fixar nas teorias, mas sim ser convidativo ao diálogo e reflexão sobre o tema.

Palavras-chave: Masculinidades, Transmasculinidade, Gênero e Raça.

Considerações Iniciais

As definições de transsexualidade normalmente apontam para uma não concordância entre sexo biológico e expressão de gênero. Mas, vale ressaltar que nem toda pessoa trans se sente desconfortável com sua genitália; as mudanças estéticas que buscam, em sua maioria, são com intuito de passar despercebido, o desconforto é apontado pela sociedade quando demonstra ignorância em não entender que existem homens com vaginas e mulheres com pênis e isso não os tornam menos homens e mulheres, tratamentos hormonais parecem constituir um ritual de passagem (BENEDETTI, 2005). O diálogo sobre gênero precisa avançar no biologismo e entender gênero como um evento social, que, apesar de utilizar do corpo uma ferramenta para essa expressão, ele não o define, e como diz Osmundo Pinho: “Temos então definido o corpo como uma instância da reprodução da sociedade opera através do processo de transmissão de estruturas culturais para o suporte para subjetivação mediante o engendramento de práticas determinadas” (PINHO, 2005).

Refletir a construção das masculinidades tendo como base esses aportes culturais que são fixados no patriarcalismo e machismo, esse contexto tem influência direta na construção de qualquer masculinidade, bem como a transmasculinidade negra e periférica. Os estudos de gênero, numa nova perspectiva, devem muito aos estudos



feministas que, como aponta Saffioti, têm “acumulado em três decênios de pesquisas feministas permite a defesa da postura que advoga a construção social de gênero, a fim de combater a escalada do pensamento conservador”. A cis heteronormatividade precisa ser questionada como algo além “natureza humana” (SAFFIOTI, 1991), existe esse lugar confortável para a pessoa cisgênera em detrimento das pessoas transgênero que são colocados sempre como o Outro (KILOMBA, 2019), tomando como referência a teórica Grada Kilomba aqui este Outro seria a representação de tudo que o cisgênero não deseja ser.

Existe um padrão de homem no mundo, mas aqui penso o homem brasileiro que representa a hegemonia, ocupam os maiores cargos e carregam consigo os estereótipos mais positivos em agravo de outros. Esse outro seria o homem, trans, negro e periférico que representa todo o oposto desse indivíduo hegemônico; para o homem negro fica a carga estereótipos sexuais falocêntricos que criam insegurança nos homens negros cis, então o que isso tende a causar nos homens trans pode ser ainda mais perverso. O genitalismo propõe a definição de gênero atrelada ao sexo, e, para além disso, as dimensões do sexo, o tamanho dito padrão para homens brasileiros que experimentam a insegurança e auto suficiência medidas pelo tamanho do falo, ser homem com buceta nesse sistema é desafiar mesmo toda essa estrutura.

O homem trans e negro é atravessado por gênero, raça e geralmente por classe, portanto existe a necessidade de pensar a interseccionalidade, que segundo Kimberlé Crenshaw é o fato demarcador das violências que cruzam nossos corpos e que nos põe em condições sociais de exclusão. O conceito de interseccionalidade, ao mesmo modo que identifica os diversos sistemas de opressões, também indicam experiências que influenciam na construção da identidade do indivíduo, as pessoas trans na infância geralmente são socializadas com o gênero identificado pela família a partir do sexo, e a construção dessa personalidade, dessa masculinidade é processual, individual na mesma medida que contextual. Costumo refletir a transmasculinidade negra e periférica como a saída de um lugar feminino oprimido e passar a ser visto (quando passável aos olhos da sociedade) como o opressor, a representação do corpo masculino negro “marginal”.

Nessa construção da transmasculinidade negra e periférica, precisa-se entender que as opressões sociais para com o indivíduo são ferramentas de dominação e controle do corpo. Nesse sentido, é importante refletir que “a dominação sempre envolve a objetificação do dominado; todas as formas de opressão implicam a desvalorização da



subjetividade do oprimido” (BRITTAN & MAYNARD, 1984, p. 199), portanto, esse artigo pretende pensar além das causas dos preconceitos sofridos durante a construção da transmasculinidade negra e periférica, discutir os efeitos nas subjetividades de cada indivíduo e por fim analisar as estratégias de resistência desse corpo político.

Construção da masculinidade

O “sujeito homem” que tanto é entoado pela sociedade reflete a identidade de um homem muito específico, pode ser alterada de acordo com o contexto, apresenta ideais de beleza, inteligência, liderança, mas seja na passarela da moda ou na academia, esses são traços ligados ao homem cis branco e hétero. Quando um menino chora logo escuta a ordem “seja homem!”, ou quando opta por brincadeiras vistas socialmente como femininas, “seja macho, isso não é coisa de homem!” são falas que escutamos com alguma frequência, mas quem seria esse homem? Segundo a fala provocativa do Franz Fanon, “O homem negro não é um homem!” (1925 – 1961); desse modo, o autor apontava como o homem negro era reduzido a sua genitália por uma sociedade racista como os definem como máquinas sexuais e bem dotados, para os homens trans que tem vaginas a problemática é a construção dessa masculinidade sem o pênis.

O ideal europeu de masculinidade surge nos processos de colonização, que para eles seria um processo civilizatório, como se as outras culturas fossem inferiores e a cultura do branco fosse o padrão aceitável. Por isso, tudo que desviava dessa linha era subjugado, as identidades que fogem do padrão são tidas como “o Outro”; para Grada Kilomba, a mulher é “o Outro do Outro” (KILOMBA, 2019) por sofrer duplamente em sua humanidade, como pensaríamos então o homem-trans-negro-periférico? Atravessado por gênero, raça e classe, apesar de ser “homem” numa sociedade machista, esse indivíduo é homem trans e sua masculinidade é constantemente desafiada e deslegitimada, em contraponto a masculinidade hegemônica é bem ilustrada por Kimmel e Messner a seguir:

Assim, os homens brancos de classe média quando se olham no espelho se vêem como um ser humano universalmente generalizável. Eles não estão capacitados a enxergar como o gênero, a raça e a classe afetam suas experiências. Não é o que ocorre com os negros, pobres, mulheres, gays e todos os que de uma forma ou de outra vêem-se como “diferentes”. O que torna



os sujeitos marginais e/ou oprimidos são os mecanismos mais visíveis em nós, porque são os que nos causam dor em nossas vidas cotidianas. (KIMMEL & MESSNER apud OLIVEIRA, op. cit. p. 91)

No que se refere a gênero, a transmasculinidade desafia a cisgeneridade por si só, mas os trans negros são colocados também a mercê do racismo e muitas vezes do classicismo tendo em vista que no Brasil a maioria da população que vive em vulnerabilidade social são pretos e pardos. Em busca de representação desses homens trans negros, fiz uma busca nas redes sociais; as páginas que são direcionadas a esse público, a grande maioria, posta fotos de homens trans brancos, já em processo de hormonioterapia, com barba e estereótipos de um corpo masculino bem marcado, além da mamoplastia, que é uma cirurgia muito procurada por homens trans e que tem um custo muito alto. Essas ferramentas de saúde da população trans são inacessíveis a uma parcela dessa população, e o SUS ainda é deficiente nesse sentido, não oferece sequer os hormônios, é uma luta que caminha mesmo que a pequenos passos.

Essa não é e nem pretende ser uma quebra de braço entre as identidades trans, mas entender como os acessos são demarcados por violências. Alguns homens trans brancos de classe média estão presentes no YouTube; em seus vlogs falam sobre questões de gênero em sua perspectiva e é perceptível que sua realidade e de sua família sobre aquilo é mais natural, pode-se ver relatos de homens que assumem essa identidade muito cedo, logo contam aos pais que, apesar de estranharem a situação, acompanham e se fazem ativos, idas ao psicólogo, remédios para retardar a puberdade quando se descobre muito cedo, hormonioterapia garantida e alguns outros privilégios para viver suas subjetividades e sua masculinidade de forma confortável. Utilizei do termo “natural” para contrapor o patológico, que é parte do discurso cruel que impede o acesso de homens trans e negros a essas ferramentas de apoio.

O que se pode perceber é que as estruturas do sistema colaboram para a subjetivação da patologização de modo em que se justifica pela demanda da população trans em transicionar, sendo que esta transição está controlada pelo Estado através das portarias que regulam os ambulatórios especializados. Essa patologização consentida disfarçada de gestão corrobora com a ideia desses corpos estarem cada vez mais próximos do cisgênero para ser entendido como de fato pertencente ao seu gênero; a



simples afirmação disso não parece suficiente, assim como a autodeclaração de raça tem servido para acesso às universidades de forma negligenciada, mas isto é um assunto que renderia estudos mais específicos. O que se pretende fazer aqui com essa comparação é apontar o papel do estado e da sociedade na construção dessa transmasculinidade negra.

Representação da transmasculinidade negra

Vale ater-se da discussão anterior o poder autoconferido a pessoas cisgêneras de legitimar ou deslegitimar as identidades trans, e geralmente tendo como parâmetro o que mais se aproxima da cisnormatividade com base em suas perspectivas individuais. Essas perspectivas podem ser entendidas aqui como enviesamentos ideológicos, que a Viviane Vergueiro em sua dissertação de mestrado vai chamar de “miradas cisnormativas” (SIMAKAWA, 2015), essas miradas que carregam consigo uma grande carga política e religiosa, que ultimamente tem até andado juntas. A manutenção desse poder é feita pela hegemonia social, que hoje ocupa grandes cargos políticos, colocando em constante ameaça os poucos direitos já conquistados e dificultando o avanço.

Assim como as pessoas cis sentem-se legitimadas a falar sobre a realidade trans, as pessoas brancas (grupo hegemônico) estão sempre querendo discursar sobre a experiência de minorias específicas no que desrespeita a raça. O debate então sobre transmasculinidade negra que tende a ser duplamente invisibilizado tem uma urgência para acontecer, mas principalmente de acontecer sendo feito pela voz dessas identidades, assim acontecerá a partir da reflexão do lugar de fala, que segundo Djamila Ribeiro tira o sujeito da platéia e o coloca como protagonista da sua própria história. O ideal é uma representação feita por si mesmo e não mais de forma caricata pela hegemonia.

É importante tomar conta desse discurso, mesmo não polarizando, porque só o homem trans negro pode falar de sua experiência. Apesar de estar exposto a transfobia, um homem trans branco não saberia dizer o que é voltar pra casa de noite e ser confundido com um criminoso, ou ver as pessoas optarem por ficar em pé no ônibus para não sentar do seu lado e muito menos sentir o desespero por ter esquecido a identidade em casa. Para um, essa lista de coisas pode parecer simples, para outro são determinantes para estar vivo ou para se ter saúde mental, sendo que o machismo influencia diretamente na saúde mental dos homens.

É preciso entender que tanto pessoas tradicionalmente generificadas quanto pessoas transgenerificadas têm a possibilidade de contornar (estrategicamente) nos



discursos de gênero disponíveis em seus milieus socioculturais; é importante contar com o que chamamos de cis- aliados, desde que tendo pessoas trans negras no recinto sua narrativa seja respeitada. Socializados em um ambiente totalmente cisnormativo e racista é comum que na própria comunidade trans exista reprodução de discursos que vão de encontro a esses estereótipos que tanto buscamos desconstruir. O também estudioso das transmasculinidades negra Bruno Santana traz uma ilustração na sua produção que exemplifica bem o que estamos debatendo aqui:

Como ilustração, descrevo um caso que me chamou atenção em um anúncio de venda de packer (prótese peniana que pode ser utilizada por homens trans para fazer volume, sexo e urinar em pé) compartilhado por um colega, em um grupo de homens trans com a seguinte informação: “Chegou o The monster packer (Negão do WhatsApp), feito especialmente para os homens trans negros!!” A figura do negão do WhatsApp utilizada no anúncio, faz menção à foto que “viralizou” nas redes sociais mostrando o pênis exagerado de um homem cis negro. Diante disso, percebo que dentro da própria comunidade dos homens trans há essa hierarquia racial na qual os homens negros trans precisam cumprir com as expectativas da masculinidade racializada para serem legitimados. (SANTANA, 2019)

Colocar a transmasculinidade negra em pauta é produzir uma narrativa que fuja a estereótipos como esses citados na fala do Bruno Santana. As identidades precisam ser pensadas para além da marginalização e do falocentrismo; sabe-se que as identidades são construídas socioculturalmente, assim como esses estereótipos, e se são construídos eles podem ser desconstruídos a partir do debate, entendendo lugar de fala, a quebra da hegemonia e superação do lugar do Outro. A representação da transmasculinidade negra tem de ser reformulada ultrapassando o cercado da violência, a passos esperançosos é o que fazemos aqui, repensando gênero na expectativa de desconstruí-lo.

Desconstruindo transmasculinidade negra

Quando decidi escrever transmasculinidade negra fiquei receoso pela delicadeza do



tema e por estar diretamente envolvido, sendo homem trans negro e periférico. O debate sobre questões de gênero sempre fizeram parte do meu cotidiano, mas pensar a construção da minha identidade de gênero e como desconstruir o esperado para ela sempre foi um movimento contra-hegemônico difícil, a dificuldade nesse sentido é criar estratégias para contrapor um sistema que atualmente já é tão bem fixado no Brasil, como as masculinidades negras. Temo que serei mais pessoal a partir desse trecho, estava evitando isso, mas a academia está em processo de desconstrução assim como as concepções de gênero, tomo posto do que a icônica Conceição Evaristo chamaria de *escrevivência*.

Os homens cis experimentam da masculinidade como algo que não necessita reflexão, ao menos essa é a visão do senso comum, ser homem para eles é apenas seguir o que se esperam, ser o provedor da casa, viril, não demonstrar sentimentos, e qualquer desvio desse “padrão” é motivo pra ter sua sexualidade posta a questionamento. Enquanto a masculinidade, em especial minha experiência, foi refletir por medo de não reproduzir a masculinidade que sempre questioneei, a masculinidade agressiva que atualmente é comum vermos sendo definida como “tóxica”. Seus efeitos são sentidos tanto nos homens quanto nas mulheres que são as maiores vítimas do machismo; isso justifica a masculinidade ser uma pauta feminista e dos estudos de gênero, por isso a desconstrução dos papéis de gênero e a busca pela “inteligibilidade de gênero” (LOURO, 1997) ultrapassa a militância trans, como situa a Guacira Lopes Louro:

Uma das conseqüências mais significativas da desconstrução dessa oposição binária reside na possibilidade que abre para que se compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente. A concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um pólo que se contrapõe a outro (portanto uma idéia singular de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se "enquadram" em uma dessas formas. (LOURO, 1997)

Estar fora dessas concepções de gênero é se questionar constantemente o que



precisa fazer para estar passável, é buscar entender porque é visto como menos homem, isso quando se é visto como um. É sentir seu corpo em constante vigilância, ter cuidado como anda, como fala, como gesticula, essa masculinidade condiciona os corpos a performar a masculinidade hegemônica, e nesse controle constante não se vive com fluidez, as tentativas de desconstrução são ferramentas para se viver a identidade livremente, até porque é bom lembrar que existem homens trans gays que não necessariamente são a determinação social de “afeminado” mas também não se sentem confortáveis em demonstrar os estereótipos de masculinidade, assim como os não binários.

Osmundo Pinho no seu estudo sobre o “Brau” analisa os corpos como receptor de conteúdo, mas também como disseminador de ideias; nesse sentido, segundo o autor, “temos então definido o corpo como uma instância da reprodução da sociedade opera através do processo de transmissão de estruturas culturais para o suporte para subjetivação mediante o engendramento de práticas determinadas” (PINHO, 2005). Para ultrapassar o processo de reprodução da masculinidade existe a emergência do debate sobre transmasculinidade negra, e a atuação deste corpo político nas produções, essa é a provocação que tira as pessoas cisgêneras desse lugar confortável e reivindica o nosso lugar, a fala, ao nome, à saúde e outros direitos que deveriam ser básicos, como direito a ir e vir em segurança e o direito a vida. Direito a vida deveria que é um dos princípios dos direitos humanos e tem sido violado para a comunidade LGBT, enquanto essas identidades estiverem sendo atacadas, esse debate tem que ser visto como prioritário.

Considerações Finais

As análises aqui apresentadas não demonstram um contexto de tensões no que se refere aos estudos das transmasculinidades negras e as experiências desses corpos. Mesmo com esse processo de invisibilização violenta que enfrentamos, o fato desse tema estar sendo colocado em pauta, está tomando espaço e escrevendo suas narrativas é um motivo pra se ter esperança, posso dizer que existem homens trans negros se movimentando, construindo suas identidades de homens com bucetas diferindo das masculinidades que nos violentam. Esta é uma luta constante antagônica às masculinidades contra-hegemônicas.

A escrita desse artigo faz parte dessa luta, uma produção sobre transmasculinidade negra feita por um homem trans e negro dentro desse espaço



acadêmico racista e cisnormativo, essa é mais uma estratégia de resistência e contra o epistemicídio. Nessas disputas, as nossas transmasculinidades tem potencial para subverter a ordem e os discursos normativos, causando assim o que explica Samantha Buglione que “[...]o reconhecimento à identidade e o direito à diferença é que conduzirão a uma plataforma emancipatório e igualitária[...]” (BUGLIONE, 2010, p. 69). Somos responsáveis – me incluo nessa categoria de pessoas trans que lutam pelo fim da transfobia – pela produção dessa emancipação, não que esse seja um discurso meritocrata que diz que precisamos fazer por onde, mas quero dizer que precisamos tensionar aqui o CISTema para uma educação emancipatória e transgressora como bem coloca a teórica feminista Bell Hooks.

Trilhamos aqui um caminho para pensar a construção da masculinidade, da influência da masculinidade hegemônica na transmasculinidade, além de pensar as representações transmasculinas negras, e por último pensar em como desconstruir esses padrões. Ressalto aqui a importância de entender as masculinidades e as transmasculinidades, não só para apontar os erros nessa construção, ou como ela impacta na vida das mulheres, mas também pra perceber que os homens têm adoecido com essa masculinidade, e em especial a transmasculinidade do homem negro que vive esticado na avenida da interseccionalidade sendo atingido por todos os lados, todas as avenidas de opressão atingindo seus corpos. Esses são pontos que tiveram a necessidade de serem repetidos algumas vezes no decorrer deste trabalho, no intuito de promover a reflexão da forma mais didática possível.

Concluo esse artigo nesse momento com a vontade de retomá-lo, esperando encontrar um outro cenário daqui a alguns anos, de preferência positivo e avançado nesses debates. Espero também que esses anos não se alonguem; como iniciei, o debate finalizo lembrando da emergência do debate de transmasculinidade, não temos muito tempo pois a população trans está morrendo, homens trans e negros estão morrendo, precisamos avançar nisso, enquanto nós estivermos morrendo, é preciso pensar com urgência, em como levar esse debate para a sociedade. Para que possamos ultrapassar os 35 anos – expectativa de vida de um pessoa trans no Brasil – e voltar para avançar no diálogo sobre a transmasculinidade negra com vocês.

Referências



- HOOKS, bell. *Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade*. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2013.
- BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BRITTAN, Arthur; MAYNARD, Mary. *Sexism, racism and oppression*. New York: Basil Blackwell, 1984.
- BUGLIONE, Samantha (Org.); VENTURA, Miriam (Org.). *Direito à reprodução e à sexualidade: uma questão de ética e justiça*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010. 65 - 105 p.
- CRENSHAW, Kimberle. Documento para Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. In: Dossiê III Conferência Mundial contra o Racismo. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 10, n. 1, p.171-88, 2002.
- FANON, FRANTZ. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.
- KILOMBA, G. A máscara. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/clt/article/viewFile/115286/112968>> Acesso em 8 de mai. 2019.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.
- LOURO, Guacira Lopes. *A emergência do gênero*. In: _____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo. (1998) *Discursos Sobre a Masculinidade*. In: *Estudos Feministas* Vol. 06 n. 1 Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ.
- PINHO, Osmundo de Araújo. *Etnografias do Brau: Corpo, masculinidade e raça na reafricanização em Salvador*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, Jan, 2005.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte, Letramento, 2017.
- SANTANA, Bruno. *Pensando as Transmasculinidades Negras*. Cap.4. p. 95- 103. In: *Diálogos Contemporâneos Sobre Homens Negros e Masculinidades*. Ciclo Contínuo Editorial, 2019.
- SAFFIOTI, Heleiete. *Posfácio: Conceituando gênero*. In: *Mulher brasileira é assim*.
- SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Orientador: Prof. Dr. Djalma Thürler. 2015. 244 p. Pós-Graduação em Cultura e Sociedade - UFBA, IHAC, Salvador-ba, 2015.